

O ESCRIPTOR PUBLICO

COMEDIA EM UM ACTO

POR

SABBAS DA COSTA.



SAN'LUIZ:

Typ. do—Progresso—rua da Paz, 4 A.

Impresso por B. de Mattos.

1862.

PERSONAGENS.

GUSTAVO PAQUETÁ
MINISTRO.
CUIABÁ
FEFINA

AMBROSIO LAMELAS.
JOAQUIM ANTONIO.
MANOEL.
ORDENANÇA.

EPOCHA. ACTUALIDADE.



14.863
1959

ACTO UNICO.

O Theatro representa o escriptório de um litterato moderno.

SEENA 1.^a

GUSTAVO (*sentado junto á mesa lendo um livro em voz alta*).
— « D'essa maneira, a penna do escriptor não serve para
« guiar, senão para desvairar; não illustra a opinião, perversa
« le-a. O adversario, seja qual fôr, ou dos nossos interesses,
« ou das nossas opiniões, não se avalia pelos seus actos. »
(*representa*) Que moralista, vejamos o que diz mais. (*lê*) « A
« imprensa não é o altar de uma religião, é o eculeo de um
« martyrio. » (*representa*) Bonito, bonito! (*lê*) « Não ha sa-
« cerdotes, ha lictores; não ha interpretes, ha verdugos. »
(*representa*) Certamente o autor deste drama nunca teve ne-
cessidade, para mostrar tamanha somma de virtudes. Ora
vejamos o que diz mais. (*lê*) « O jornalista pode ser impu-
« namente assassino moral á sombra odiosa das restricções
« do pensamento. A intelligencia abastarda-se, profana-se,
« polue-se no mister de salteador traçoeiro. » (*representa*)
Basta, é de mais! (*deixa o livro sobre a mesa*) Ah! Mendes
Leal, que escreveste só para Pedro representar no estreito
ambito de um theatro! Não és, ou se és um cumpridor de
taes doutrinas, admira-me como subiste tanto! Eu sou um
escriptor publico, sei quanto custa a independencia de nos-
sas acções, e se não fôra a imprensa... o que era eu? Pobre
provinciano sem protecção que morria á mingua, dispondo de
algum talento: não digo isto para me elogiar. Tenho muita
modestia; e quando quero fallar bem de mim, faço como mui-
tos, escrevo, e debaixo do anonymo elevo-me ás alturas de
minha consciencia. O diabo é ter de escrever ainda alguns
artigos (*senta-se na secretária*). A necessidade de escrever
intelligivelmente, para que os Srs. typographos entendão e
não estropêem os meus artigos, duplica-me o trabalho. E'
precizo todo o cuidado com elles, quando não, emprestão-me
virgulas e tirão-me letras, trocando o sentido de minhas pa-
lavras. Não posso ter copistas, isso seria descobrir o meu
segredo de verdadeiro e imparcial escriptor. Apregôa o Sr.
Mendes Leal idéias de moralidades! O que seria de mim, e de
muitos que conheço, occupando altas posições neste Reino, se
não tivessem vendido, como fiz, a consciencia ao diabo! Na

minha opinião o escriptor publico é como a rosa. Não faço a comparação commigo, porque a modestia é o meu distintivo, mas com todos os jornalistas, meus collegas. A rosa tem belleza, tem perfumes e tem espinhos. Vive pouco e brilha muito, e muitas vezes desmerece e perde a viveza de suas côres, antes que morra. O escriptor publico é tal qual! Derama flores em prosa poetica, e tem bellezas na verdade. Suas ideias se espalham como o perfume das flôres, mas ás vezes lê em vida a sua necrologia, dão-lhe de véras, e ahí temos os espinhos que o martyrisam. Eu ainda hei de ser aquella cousa. . . que todos detestão, mas que abnejam ser de continuo—ministro. Dediquei-me á vida de escriptor publico, como qualquer outro a differente ramo de ganhar dinheiro. Criei nome, tenho fama e tenho carta branca para atassalhar a este, elogiando aquelle, e. . . no fim, El-rei me fará barão, conde ou marquez. Tenho sabido viver bem com os differentes partidos que luctão de continuo pelas posições officiaes, e dirijo artigos para o jornal—*Liberdade*—nos quaes, dou de sota e az no *Constitucional*, um outro jornal governista e opposto áquelle. O segredo que exigi dos chefes aguarda-me de uma descoberta escandalosa. Dizem ser isto—jogar com mão de dous bicos, é o mesmo—jogarei até com. . . Per vida minha, sabio apimentado o artigo do *Constitucional* em resposta a outro meu, inserido no *Liberdade*. O que diria o Sr. *Cuiabá*, chefe dos liberaes? Devo preparar a resposta para a replica que já aprontei em favor dos liberaes, zurrindo nos constitucionaes. Sou um Hercules! ainda mais, porque eu mato milhões de cabeças, e aquelle só se vio atrapaalhado com um numero fabuloso d'ellas. Fiz em mim uma liga de princípios, convergindo todos para minha conservação nos altos negocios do estado. S. Exc. o ministro. . . alguem vem. . . (*aparece um ordenança, entrega um bilhete a Gustavo e este lê*) «Espere-me: tenho que lhe fallar. Ministro.» (*representa*) Diga a S. Exc. que achar-me-ha sempre as suas ordens. (*a ordenança sahe*) O que pretenderá S. Exc.? O tratado offensivo e deffensivo entre mim e a minha consciencia está feito, que importa chamarem-me homem de muitas caras. Eu me hia esquecendo da minha Fefina! Pobre coitadinha! E quanto me custa fingir que amo a esta pobre menina! Pobre. . . mintô. . . será na belleza, mas uma tia que está ás portas da morte deixa-a por herdeira, e a minha Fefina será rica e. . . Não é que eu seja ambicioso, desprezo o dinheiro. . . mas. . .

Oh, perdoa se a Fefina eu não deixo
Prudero lugar em nossas scenas.
Não esqueste, não!

Mal sabia Garret que, depois d'elle morto, seus versos servissem a minha Fefina. É preciso escrever (*escreve á mesa*).

SCENA 2.^a

Gustavo e Manoel.

MANOEL (*com uma carta*).—Senhor sim; é para meu patrão esta carta.

GUSTAVO (*deixando de escrever vem á scena*).—Uma carta! dá-me (*Manoel entrega a carta*).

MANOEL (*á parte*).—É cartinha cheirosa, é de namorada.

GUSTAVO (*lendo, e depois representa*).—Sua tia está morrendo! Oh! pobre tia! (*lê para si*).

MANOEL (*á parte*).—Querem ver que aproveitou a alfazema da moribunda para perfumar a carta? Esta vizinha querera jogar o pacão com o patrão?

GUSTAVO (*guardando a carta*).—Manoel, vou sahir, não tardarei. Se alguém me procurar, que me espere, e se tiver pressa, que vá se embóra. Vou preparar-me! Oh! devo ir ver a tia de Fefina, que a deixa sua herdeira (*sahe para o quarto*).

SCENA 3.^a

MANOEL.—Sua herdeira! Pois querem ver que meu patrão pretende... com essa moça feia... meu Deos! pois hei de ter uma patrôa aleijada assim? Não, isto não pôde ser. (*passa de um lado para outro*) Eu criado de... Oh! eu me enforcô; quando entrarem aqui, encontrarão só o meu cadaver, depois verei o que devo fazer.

SCENA 4.^a

Manoel e Gustavo.

GUSTAVO (*de chapéu na cabeça*).—Oh! devo chorar com ella, devo gemer com ella, devo suspirar, lamentar, sentir com ella a perda da tia.

MANOEL.—Meu patrão vai chorar? Ah! sim, deve chorar pelo seu criado... elle... elle... vai morrer (*chora*).

GUSTAVO.—O que dizes, estúpido?

MANOEL (*chorando*).—É meu patrão, tal qual... V. S. vai... vai... chorar... Oh! chorar... eu sou digno disso.

GUSTAVO.—Raça bruta é esta de creados, que toda a vida, por mais longa que ella seja, não aprende a ver o interesse que

ha, em um casamento rico não, por que eu desprezo a riqueza, mas em um casamento de amor... Fefina! meu anjo! (*sahe e recúa na porta*) O Sr. Ambrosio Lamellas.

SCENA 5.^a

Gustavo, Ambrosio e Manoel.

AMBROSIO.—É um amigo do Sr. Gustavo Paquetá, o muito illustre e...

GUSTAVO.—O que determina? Queira sentar-se (*ambos sentão-se*).

MANOEL (*á parte, senta-se á porta, e depois que falla dorme*).—Se meu amo casar, enforeco-me, e depois... deixo este reino.

AMBROSIO.—Sem cerimonia, Sr. Paquetá.

GUSTAVO.—Então o que determina?

AMBROSIO.—Sube que V. S. era intimo amigo do ministro da fazenda, e vinha propor-lhe um negocio. O Sr. sabe que todos sabem que o Sr. é um dos primeiros escriptores da corte... que o seu talento é transcendente, estupendo e não vulgar.

GUSTAVO.—São bondades que não mereço...

AMBROSIO.—O Sr. na provincia, estava perdendo-se... como...

GUSTAVO.—Como a flor no meio dos bosques.

AMBROSIO.—Como a pérola no fundo do mar, é verdade... Pois é ao Sr. que me agarro, como o naufrago á taboa que o deve salvar.

GUSTAVO.—Não sou dos melhores nadadores, e seria hom que o Sr. Lamellas tivesse sentido com o rumo e não fosse bater em algum escolho; olhe que pôde morrer afogado.

AMBROSIO.—Que espirito! Que clareza de fallar! O caso é este. Eu pretendo ser empregado na alfandega; e como meu mano que é deputado não pode me arranjar o lugar que eu quero, visto que já empenhou seu voto ao ministerio, por um lugar de addido na legação de Paris, eu corro ao Sr. que é amigo do ministro, para obter o que desejo. Eu não tenho habilitações e apenas sei ler, e isso mesmo gaguejando, e escrevo. A minha letra se parece com os passos de um grilo na areia, e faço, ás vezes as quatro especie de contas.

GUSTAVO.—Mas assim... pretende.

AMBROSIO.—Empregar a um sabio como o Sr. não é difficil, mas a um menos intelligente, como eu, por exemplo, é que se torna difficultoso, eu o sei. Não quero um lugar de confe-

rente porque são necessários mais estudos e saber-se mais do que souberão os 7 sábios da Grecia, reunindo toda a sabencia d'elles em um só homem, mas o de chefe. Este lugar me convem, por todos os motivos; 1.º porque é menos trabalhoso; 2.º é mais rendoso; 3.º porque dá leis aos seus subordinados e manda que elles tudo fação, em quanto que elle nada faz; 4.º é porque represento um papel mais digno de mim. Ha outros motivos que não é necessario declarar por superfluos.

GUSTAVO.—Então o Sr. Lamellas quer ser chefe d'alfandega.

AMBROSIO —É sobre isso que lhe venho fallar. Sendo como é um dos competentes, e amigos do ministro da fazenda, julguei ser o melhor empenho para adquerir o lugar. E se o Sr. soubesse o que ouvi dizer eu hontem na camara dos deputados...

GUSTAVO.—Occupão-se de mim ?

AMBROSIO.—Oh! disserão que as defesas feita pela imprensa, as que tem sido publicadas em favor do ministro da fazenda, são todas de sua lavra.

GUSTAVO (*incommodado*).—Em?... da minha lavra? (*áparte*) Mão. (*alto*) Esses senhores deixão de cuidar dos interesses do Estado, para se occuparem commigo?

AMBROSIO—Isso não lhe fica mal. A penna do escriptor publico, quando é honesta, deve ser como a do advogado. Tomar qualquer defesa, com tanto que tenha nisso interesse, o que é justo. Eu sei que V. S. não pode viver como o camelião—só de ar—não, e por isso eu lhe vinha propôr uma aposta.

GUSTAVO.—Uma aposta? De que natureza? Então quer apostar commigo?

AMBROSIO.—Sim. Aposto que o Sr. Gustavo não me arranja o lugar de chefe d'alfandega. Se arranjar eu perco 4:000\$000 reis, e se não arranjar, o Sr. perde o seu tempo e o seu trabalho.

GUSTAVO (*depois de pensar*).—Acceito a aposta. (*áparte*) Assim dizem todos os que estão acima de mim.

AMBROSIO (*levantando-se*).—Se eu fosse um escriptor publico como o Sr. é, oh! eu era capaz de chegar a ministro de Estado. E feliz do nosso paiz então!

GUSTAVO.—E como ministro de Estado nomearia para chefe d'alfandega a um homem destituido de conhecimentos e saber?

AMBROSIO.—Se elle tivesse bons empenhos, nomearia.

GUSTAVO.—Pois bem, o Sr. Ambrosio será hoje nomeado para o lugar que deseja.

AMBROSIO.—Pode contar que trago os 4:000\$000 reis para

pagar-lhe, se perder a oposta. (*á parte*) É a nova moda de comprar empenhos inventada nesta cõrte, e de obter o desejado.

GUSTAVO (*reflectindo*).—Espero hoje o ministro, e elle não sahirá d'aqui sem ter assignado o seu diploma.

AMBROSIO.—Até logo, veremos se ganha a aposta.

GUSTAVO.—Hei-de ganhar. (*á parte*) 4:000\$000! (*alto*) até já.

SCENA 6.^a

Gustavo e Manoel.

MANOEL (*espreguicando-se*).—Meu patrão! Ah! já voltou? Então chorou muito?

GUSTAVO (*tirando o chapéu*).—Retira-te.

MANOEL.—A bicha está inconsolavel?

GUSTAVO.—Vai-te, bruto! Não viste que não sahi de casa? Dormias, em?

MANOEL.—E então meu patrão não chorou? E eu que julgava! ou sonharia?

GUSTAVO.—Vai-te! Não saias de casa (*Manoel vai sahindo e fica*) Então?

MANOEL.—Meu patrão disse, não saias...? Eu aqui estou.

GUSTAVO.—Oh! patife, eu disse-te que fosses embora para dentro, mas que não saihesses de casa, que não fosses meter-te na taberna e me deixasses aqui só.

MANOEL.—Sim, meu patrão, (*á parte*) se elle fosse curinga... (*sahé*).

SCENA 7.^a

GUSTAVO.—Quatro contos de reis! Não é má a aposta, contra algumas palavras que pretendo dizer ao Sr. ministro. Que importa que o Sr. Lamellas seja um pateta, um estúpido? Ganhe eu a aposta, o mais... (*senta-se a escrever*) por quatro contos de reis vale a pena dizer algumas palavras a favor do pretendente pela imprensa (*escrevendo*). Assim vai bem, apregão o talento do Sr. Ambrozio Lamellas, digo que é o homem proprio para exercer lugares de confiança, e de quem o governo deve lançar mão. (*Representando*) Estou certo de que o ministro ha de attender aos meus empenhos e ganharei os quatro contos de reis. Depois de nomeado heide accusar pelo *Liberdade* ao governo que nomeia ignorantes para os empregos publicos, mas depois de ter na algibeira o ganho da aposta (*escreve*).

SCENA 8.^a

Gustavo e Cuiabá.

CUIABÁ.—Não interrompa seu escripto; eu o esperarei.

GUSTAVO (*deixando a mesa*).—Oh! meu caro, o que ha de novo? (*dá cadeira para Cuiabá sentar-se*).

CUIABÁ.—Venho trazer-lhe este *Constitucional* que ousa atacar-nos no que temos de mais sagrado, como politicos, no amor da patria. Pois não diz o tal redactor que a nossa guerra ao governo não é de principios... sim de meio de empulgarmos as pastas e levarmos a Nação a uma banca-rotas? Eu vinha pedir-lhe um artigo para o *Liberdade* que refute todas estas miserias, oh! essas infamias. El-rei não vê que estes homens o perdem!

GUSTAVO.—Eu ia escrever respondendo a esse artigo; logo mandarei a resposta, mas é ainda com as mesmas condições, segredo no author, quando não—tudo está perdido.

CUIABÁ.—Pois já vos occupaveis nesse trabalho!

GUSTAVO.—Recebi um *Constitucional*, e respondia a esse artigo que li indignado.

CUIABÁ.—O Sr. é um prodigio! É um talento...

GUSTAVO.—Não gasteis elogios com um amigo politico. Sou liberal de convicção, de principios, mas a amizade e os favores que devo ao ministro da fazenda, obrigão-me a não tomar a redacção da *Liberdade*, e a peito descoberto bater-me com esse famigerado rabiscador do *Constitucional*. É algum assalariado que vende a penna por algum emprego; quer um osso do estado para roer.

CUIABÁ.—Eu vos tenho offercido a redacção do jornal; era uma boa aquisição que fazia, mas vós regeitaeis, limitando-vos a dar-me em segredo correspondencias e artigos que os dou sempre como de fundo pelo bem escripto e pelas verdades que dizeis nelles. Sabeis que sou um dos gladiadores em prol da liberdade, que era capaz de morrer pela liberdade como... como morreu o Tiradentes no Brasil.

GUSTAVO.—É eu? Eu que tenho lido os feitos d'esse martyr da liberdade e venero o nome desse infeliz assassinado pelos despotas, só porque ousou querer a liberdade! a liberdade!

CUIABÁ.—Se o partido subir, o Sr. Gustavo será um dos proeminentes delle.

GUSTAVO.—Talvez esqueção-se então de mim.

CUIABÁ.—Não o creio. Vou esperar pelo artigo. Oh! amanhã o *Liberdade* dará a resposta ao *Constitucional*.

GUSTAVO.—Cautella com o segredo que lhe recommendo.
 GUIABÁ.—Aqui (*botando a mão na cabeça*) tem juiso e tino.

SCENA 9.^a

GUSTAVO.—Mal sabe o Sr. Cuiabá, que o artigo que tanto o maguou é meu. Já esperava por elle e tinha escripto a defeza que vou fecha-la em um subscripto e dirigi-la, logo mais, para fazel-o crer que escrevi agora. E Fifina? (*vae á mesa, feixa tiras de papel em um sobscripto*). Teria morrido sua tia? Quando será o enterro? Eu não gosto de ver chorar, tenho aversão ás lagrimas e amor aos risos e prazeres. O que querem! E comtudo faço as vezes necrologias e discursos que fazem chorar a todos para serem lidos sobre o corpo inanimado de algum rico.

SCENA 10.^a

Gustavo e Joaquim Antonio.

JOAQUIM.—É ao Sr. Gustavo que tenho a honra de fallar.

GUSTAVO.—Um seu creado.

JOAQUIM.—V. S. desculpe-me o vir importunar, mas o que quer? A gente deve procurar os meios para chegar aos fins a que se propõe.

GUSTAVO.—O que pretende?

JOAQUIM.—Sou artista dramatico, e não sendo de nomeada, porque os jornaes não se occupão de quem não se occupa d'elles, vejo que morro no esquecimento, por mais esforços que eu faça para agradar ao publico que sempre é exigente.

GUSTAVO.—Está bem, mas o que quer?

JOAQUIM.—Eu vinha pedir a V. S. que me fizesse um artigo de escacha Pecegueiro, que dissesse de mim (*tira do boiso um papel*) muitos elogios nestes pontos. Olhe, Sr. Gustavo, eu ahí nesse papel (*dando o papel a Gustavo*) só digo a verdade.

GUSTAVO (*lendo o papel*).—«O Sr. Joaquim Antonio é um genio, um prodigio dramatico. . .»

JOAQUIM.—Isso é verdade.

GUSTAVO.—Então o Sr. quer um elogio pomposo que lhe dê um nome, que o eleve á posteridade? quer que o compare a Talma, Quim e outros?

JOAQUIM.—Isso, isso. Ora diga-me, Sr. Gustavo, porque V. S. não compõe um drama?

GUSTAVO.—Eu? E para que? Para ve-los servindo de pas-

to às traças na minha estante ou nas estantes dos editores? Já escrevi um drama, oh! soffri muito com a sua publicação. Todos dizem por uma só bocca—era essa a da opinião publica—não presta! Eu quebrei de carnes, desanimei completamente e disse commigo mesmo; não, outro drama não escrevo para este publico, que me conhece. O Sr. é da arte dramatica, diga-me, tem ouvido fallar em um drama intitulado. . . . (*pensa*).

JOAQUIM.—Ainda não.

GUSTAVO.—Napoleão Bonaparte—General—Consul—Dictador e Imperador?

JOAQUIM.—Nem sabia se elle existia. O titulo é pomposo! É de encher cartaz!

GUSTAVO.—E de que theatro é o Sr. artista?

JOAQUIM.—Do theatro do rei.

GUSTAVO.—E comtudo um drama foi enviado pelo author a um empresario que nem o leu, nem fez caso d'elle. Mas alguns annos depois esse mesmo empresario subio as escadas da casa do author do drama despresado, e vinha, como o Sr. agora, pedir-lhe um elogio no jornal.

JOAQUIM.—E quem era esse author?

GUSTAVO.—Eu.

JOAQUIM.—E o empresario.

GUSTAVO.—O vosso.

JOAQUIM.—Grande Deos! Mas, Sr. Gustavo, eu venho pagar o vosso trabalho, digo, o artigo que escreverdes. Olhe, nada quero de graça.

GUSTAVO.—Elle tambem pagou, se o quiz.

JOAQUIM.—E quanto quer o Sr. Gustavo por um elogio. . . digo, pelo meu elogio?

GUSTAVO.—Conforme. Que papel representa o senhor.

JOAQUIM.—Diversos. Na Ignez de Castro, na Catharina Howard, na Joanna de Flandres e em outros dramas. . .

GUSTAVO.—Então o Sr. faz de mulher?

JOAQUIM.—Sr. Gustavo, eu não sou menino que o Sr. diga isso. Eu represento de homem, muitas vezes, não fallo é verdade; mas se nada tenho que dizer? Trago-vos dez mil reis por um artigo, quer, muito bem; não quer, não quer. Mas não gosto que me cantem.

GUSTAVO (*recebendo os dez mil reis*).—Será amanhã elevado ás nuvens.

JOAQUIM.—Olhe que seja só tratando de Joaquim Antonio, o grande artista do theatro do Rei. Que raiva hão de ter os meus collegas, quando lerem o meu nome no jornal. . .

GUSTAVO.—Aconselho-lhe fingir que ignora ser elogiado;

é para não suporem sermão encommendado—que perde o merecimento.

JOAQUIM.—Eu sei fazer a cousa bem feita—Deos fique com V. S.

SCENA 11.^a

GUSTAVO—Agora compete-me enviar ao *Constitucional* a resposta ao artigo que mando ao Sr. Cuiabá. (*vai á mesa fecha em outro subscripto tiras de papel*) Já os tenho preparado de ante-mão. É preciso elogiar ao tal Joaquim Antonio. (*escreve*) Oh! dez mil reis bem ganhos, que me obrigam mais uma vez a mentir (*escreve*).

SCENA 12.^a

Gustavo e Ministro.

MINISTRO.—Felizmente o encontro só.

GUSTAVO (*deixando a mesa, recebe o chapéu do ministro, dá-lhe uma cadeira, e fica de pé*).—V. Exc. ! Oh! sente-se.

MINISTRO (*senta-se*).—Quando o homem é illustrado, sabio e notavel como o Sr., o ministro o procura, e vê se consegue chamal-o para o numero dos seus proscritos. Recebeu o meu recado e esperou-me?

GUSTAVO.—É verdade.

MINISTRO.—E poderei dizer como Cesar, vim e venci? Sim, poderei dizer, o Sr. Gustavo é dos nossos?

GUSTAVO.—É V. Exc. duvida ainda? Pois eu independente de caracter como sou, escreveria a favor do gabinete composto de homens politicos, sem commungar na mesma politica? Os meus principios são os mesmos de V. Exc. O que determina? Sou partidario da gemma...

MINISTRO.—Venho fallar-lhe em um negocio, desta vez todo meu. Venho bater-lhe á porta e pedir-lhe luz, luz que illumine a todos, entende? Que deixe os meus adversarios politicos de bocca aberta ao lerem tanta eloquencia escripta em letra redonda.

GUSTAVO.—V. Exc. diverte-se commigo?

MINISTRO.—Engana-se. Venho incumbir-lhe de uma tarefa pesada, de um serviço importante. Mas esse trabalho será feito em segredo, como tem sido em segredo que o Sr. nos tem defendido pelo *Constitucional*.

GUSTAVO.—A esse segredo devo merecer ainda hoje a honra da visita de V. Exc.

MINISTRO.—Muito bem. Hontem nas camaras perguntarão-me se era o Sr. Gustavo Paquetá o meu defensor; e eu dissimulei com tanto synismo....

GUSTAVO.—Habitos ministeriaes.

MINISTRO.—Jurei não o conhecer. Elles acreditarão e o Sr. Cuiabá que farejava ponta por onde sovar-me, accreditou nas minhas palavras.

GUSTAVO (*áparte*).—Respiro. (*alto*) V. Exc. o que ordena de mim?

MINISTRO.—O trabalho de que lhe venho incumbir é espinhoso, mas facil para quem dispõe de tão grande intelligencia, como o senhor...

GUSTAVO.—Estou ás ordens de V. Exc. (*áparte*) Virá convidar-me para fazer parte do gabinete? (*alto*) Tencionava ir ter com V. Exc., quando o ordenança entrou, e entregou-me o seu bilhete. Tinha a tratar com V. Exc. de um negocio tambem serio e de circumspecção.

MINISTRO.—Ouvi-me primeiro, depois fallai, porque por mais importante que seja o vosso negocio, não pode ser comparado a este que me fez vir a vossa casa, arriscando-me a ser desmentido por aquelles, diante de quem affectei não vos conhecer. Nestes tres dias encerrão-se os trabalhos das camaras, e venho, como presidente do conselho de ministros, encarregar-vos da falla com que El-Rei deve encerrar os trabalhos da presente legislatura. V. S. sabe que o *Liberdade* e os deputados da opposição não relevão a menor falta do ministerio.

GUSTAVO.—V. Exc. os domina. Elles gritão, tapai-lhes a bocca. Dar de comer a quem tem fome é obra de mizericordia.

MINISTRO.—Assim fosse. Mas a falla do throno foi batida e desmentida, a ponto de nada escapar, quero que esta não lhe deixe motivo de queixa. Agradecereis em nome do rei os beneficios que elles fizerão, embora sabemos que nenhuns. Dizeis o que é do estyllo em termos dignos de mim e do senhor.

GUSTAVO.—Essa honra é subida de mais para mim.

MINISTRO.—E sabereis quem é o escriptor do *Liberdade* que refuta os artigos escriptos em minha defesa? Oh! é uma habil penna.

GUSTAVO.—O Sr. Cuiabá é um homem de segredo, elle nada diz, por que se possa descobrir quem redige esses artigos.

MINISTRO.—Conto com a falla do throno, para o encerramento das camaras?

GUSTAVO.—V. Exc. está servido.

MINISTRO (*dando um papel*).—Aqui tendes esta ordem contra o thesouro, é uma bagatella. É para comprardes papel. São tres contos de reis que offereço-vos.

GUSTAVO (*recebendo a ordem*).—Obrigado, Sr. ministro, obrigado. V. Exc. quasi que me desarma, que me tira o animo para pedir a V. Exc. o favor de que hia tratar... estas formas de convencer...

MINISTRO.—Fallai, o que quereis?

GUSTAVO.—Senhor, a fatia do pão de ló ministerial deve ser digna do ministro que a dá. V. Exc. sabe que primeiro os nossos e depois os vossos. É certo que existe a vaga de chefe d'alfandega?

MINISTRO.—É verdade, quereis ella?

GUSTAVO.—Sim.

MINISTRO (*á parte*).—Elle empregado publico! Oh! é o melhor meio de o prender ao governo. (*alto*) Estaes servido.

GUSTAVO.—Previno a V. Exc. que não é para mim, e sim para um talento que morre desconhecido por não ter protecção, é para o Sr. Ambrosio de Lamellas.

MINISTRO.—O irmão do deputado Lamellas?

GUSTAVO.—Sim, senhor. O deputado cuida só de si, esquece-se do irmão, do illustrado Ambrosio.

MINISTRO.—Ouvi fallar d'esse homem... dissérão-me que era estúpido... imbecil... e que sei eu, um pedante...

GUSTAVO.—São os seus inimigos que o elogião assim. Eu garanto a V. Exc. que é um talento não vulgar. Honrado como se pôde ser, e tem conhecimentos profissionaes.

MINISTRO.—Ah! então não ponho duvida em nomeal-o, apesar de que pelas leis do reino, exige-se condições... e o Sr. Gustavo sabe que contra a lei...

GUSTAVO.—Contra lei! Oh! oxalá que só V. Exc. contra a lei praticasse factos destes. A lei é o governo, assim entendido eu. O rei reina e não governa—quem manda é o ministro e seus decretos são leis.

MINISTRO.—Pois bem, vós me defendereis pelo jornal se a nomeação fôr má...

GUSTAVO.—Defenderei a V. Exc. até morrer.

MINISTRO.—São horas de ir á camara.

GUSTAVO.—V. Exc. podia assignar o decreto.

MINISTRO.—Sr. Gustavo, contaí com a minha assignatura: mas deveis saber que El-Rei assigna em 1º lugar? Apesar de só reinar, nós só governamos com a sua rubrica real.

GUSTAVO.—Quando irei receber o decreto?

MINISTRO.—No dia em que levardes a falla do throno.

GUSTAVO.—Até amanhã.

MINITTO.—Até amanhã (*sae*).

SCENA 13.^a

GUSTAVO.—Se chegão a descobrir que eu, escrevo para os dois jornaes, um governista e outro opposicionista, estou perdido! Que vendo os lugares de fazenda, como outros as condecorações e titulos de fidalgos! Oh! meu Deos, antes abra-se a terra para me tragar, ou o céu desabe sobre a minha cabeça. Uma ordem contra o thezouro! isto não dá o Sr. Quiabá. 3:000\$000 rs. ! oh! o dia vai bem. 3 e 4 são 7 contos, não fallando nos ordenados do *Liberdade* e alguns cahidos como o do artista Joaquim Antonio (*vae á mesa e senta-se a escrever*). O vapor deve partir d'aquí a pouco. Ainda tenho de escrever a correspondencia particular para o jornal inglez o *Times* (*escreve*).

SCENA 14.^a

Gustavo e Manoel.

MANOEL (*bebado*).—Senhor sim... é para meu patrão este papel... o homem deu-me na porta... eu não hia sahir... estava... sentado... e empurrou-me, para entregar este papel... (*dando o papel a Gustavo*) para meu patrão.

GUSTAVO (*lendo*).—«V. S., se não pagar o que me deve, verá «seu nome publicado.» (*Representa.*) Infame! Um credor que tem a insolencia de ameaçar-me! Oh! se todos fizessem isto, o meu nome não sahiria das gazetas. Manoel!

MANOEL.—Me... meu... patrão... eu estou prompto... mas... que diabo tenho nas pernas?

GUSTAVO.—Já estaes bebado, ladrão.

MANOEL.—Eu ladrão... eu que nem posso beber fiado um copo de vinho! Eu ladrão! Eu que nada acho para furtar.

GUSTAVO.—Cala-te!

MANOEL.—Calado eu estava; meu patrão foi quem me chamou e eu respondi. Se meu patrão tivesse chorado... sim... chorado com aquella... nossa vizinha que... meu patrão diz que ama... mas ella é feia... é aleijada... tem o nariz grande... a bocca desdentada e já não é criança... a tia... a tia está morrendo, não é verdade?

GUSTAVO.—O que dizes, imbecil?

MANOEL.—Imbecil! Sim... eu sou imbecil... oh! eu te-

nho a cabeça pesada!... mas... meu patrão não casa... não casa com essa bruxa... com essa mulher feia...

GUSTAVO (*ameaçando a Manoel*).—Insolente! Atreves-te a desmerecer a meus olhos a estrella que brilha no meu horizonte?

MANOEL (*de joelhos*).—Piedade! Eu... sei... meu patrão, que a aranha faz a teia para apanhar mosquitos e comelos... meu patrão ama... ama para...

GUSTAVO.—Calla-te! (*levanta Manoel*) vai-te.

MANOEL (*cambaleando*).—Oh! eu vou... eu vou dormir... tenho a lingua presa... não sei mesmo o que digo, como um ministro... quando está batido com documentos. Eu... vou... vou...

SCENA 15.^a

GUSTAVO.—Manoel tem razão! Fifina é um bicho horrendo, mas é rica, e eu devo sacrificar a liberdade pela riqueza dessa mulher? Devo ligar a minha vida a uma mulher feia e aleijada? Oh! isto é desanimador.

SCENA 16.^a

Gustavo e Fifina.

FIFINA (*chorosa*).—Meu Gustavo! Oh! minha tia!...

GUSTAVO (*correndo á ella*).—Já não vive?

FIFINA.—Morreu! (*cae em uma cadeira*).

GUSTAVO.—Coitada! (*á parte*). Ella herdou a fortuna! Oh! eu careço de dinheiro, tenho credores, e a vida de escriptor pode acabar. (*Para Fifina.*) Meu anjo! meu amor!

FIFINA (*Com ternura*).—Meu bem...

GUSTAVO.—Assim inconsolavel és mais bella do que Diana, do que Venus, oh! do que todas as Deosas da fabula, és uma flor a desabrochar, um ser todo divino e celeste.

FIFINA.—Oh! tu farás um discurso para ser recitado no tumulo de minha tia, não, meu coração?

GUSTAVO.—Sim. Eu mesmo irei leval-a á sepultura e lá, com voz cavernosa e entrecortada pelo pranto, direi todas as virtudes de tua tia. Oh! não chores, meu cherubim. (*A parte*). Que Megéra!

FIFINA.—Oh! és o unico amparo que tenho neste mundo.

GUSTAVO.—Quanto sou feliz em me julgares assim. A vida de tua tia será apregoada pelos jornaes. Oh! meu Deos! Manoel! ó Manoel!

SCENA 17.^a

Ditos e Manoel

MANOEL.—Prompto... direito como um fuso. O sabão atraz das orelhas é remedio efficaz, eu bem sabia (*dando com Fifina*). Ella aqui!

GUSTAVO (*vae á mesa e traz duas cartas*).—Leva esta carta á typographia da rua da Lua, e esta outra á da rua da Victoria.

MANOEL.—As typographias do *Constitucional* e do *Liberdade*?

GUSTAVO.—Sim, depréssa. Uma ao Sr. Cuiabá, outra ao Sr. Lustoza.

SCENA 18.^a

Gustavo e Fifina.

FIFINA.—Já são os artigos da morte de minha tia?

GUSTAVO (*á parte*).—E' preciso mentir, assim é mister a um escriptor publico. (*Alto*.) Sim, Fifina. Quando recebi o teu bilhete, dando-me parte de que tua tia estava morrendo, lavado em lagrimas, escrevi dois artigos para os jornaes, narrando suas obras e virtudes, o seu passamento á vida eterna.

FIFINA.—Oh! como estou gostando de ouvir-te cantar, meu rouxinol. Senta-te aqui a meu lado, quero ouvir-te mais de perto, me u grilo da noite. Quando estou junto de ti, esqueço-me de tudo... já nem me lembrava da tia velha que deixei morta em casa.

GUSTAVO.—Esquece-se a gente de todo o mundo, quando o amor é puro e verdadeiro como o nosso. Quando duas innocentes pombinhas se amão, são inimitaveis nos seus afagos. Oh! é bello ver duas rolas que nunca se separão.

FIFINA.—Meu Gustavo, quero pedir-vos um sacrificio. O rôlo não o negará á sua rôla, não?

GUSTAVO.—Falla, minha borboleta. (*Á parte*.) Rôlo será ella!

FIFINA.—Ide á casa do encarregado dos enterros, arranjai o necessario para sepultar minha tia, oh! eu te peço isto, meu hemzinho... Gustavo! olha, meu bem! oh! como és um Adonis! Não me seduzas.

GUSTAVO (*á parte*).—Oh! se vejo-me livre d'ella. (*Alto*.) Vou, sim, descança em mim. (*Vae ás gavetas da mesa, fecha, põe o chapeo*.) Adeos. Tudo arranjarei, (*A parte*) E cobrarei a ordem do ministro.

FIFINA.—Vai, meu futuro esposo... escuta. (*Gustavo chega-se á ella*). Dá com teus labios de carmim um osculo nesta fronte candida e ardente (*offerece a fronte a Gustavo*.)

GUSTAVO (*á parte*).—Que sacrificio! Ó dinheiro, a quanto me obrigas! (*beija-a*).

FIFINA.—Adeos!... Gustavo... uma palavra ainda.

GUSTAVO.—Falla meu... anjo.

FIFINA.—Tu me tens amor?

GUSTAVO.—Oh! eu todo sou Cupido.

FIFINA.—Pois bem, se o armador perguntar-te de quem deve elle receber a importancia do enterro, dize-lhe que...

GUSTAVO.—É de ti?

FIFINA.—Não.

GUSTAVO.—De quem? Não és tu a herdeira de tua tia?

FIFINA (*chorosa*).—Oh! Não! (*á parte*) Veremos se o seu amor é sincero.

GUSTAVO.—Em! Fefina, não ouvi bem. Dize-me, não és a herdeira de tua defunta tia? Oh! falla.

FIFINA (*á parte*).—Finjamos que não (*alto*) oh! ella desherdou-me!

GUSTAVO (*horrorisado*).—Furias do averno, tragai-me!

FIFINA.—O que dizes? E o nosso amor?

GUSTAVO.—O nosso amor? Sim. (*á parte*) Que a leve e diabo! Vou receber a letra do minisiro antes que o thesouro se feche, e este dragão que leve á breca (*vai sahindo*).

FIFINA.—Então ja vais.

GUSTAVO (*disfarçando*) —Eu vou... vou fallar ao armador, ao enterrador, ao... (*sahé*).

SCENA 19.^a

FIFINA.—Julguei descobrir em Gustavo alguma frieza! Amaria elle só o dote que me deixou minha tia? Disse-lhe que não era herdeira, e elle mudou de côres... acaso... oh! se elle me não ama... vou ter o trabalho de procurar outro. Veremos se é a mim, ou ao meu dinheiro, que Gustavo ama. Sou rica, sou a herdeira de minha tia. Ah! hei de experimentar-te, meu escriptor publico.

SCENA 20.^a

Dita e Manoel.

MANOEL (*atrapalhado*).—Upá! Fui depréssa como o vento, como uma locomotiva, como o pensamento (*dando com Fifina*). Em? A senhora aqui? Onde está o patrão? Já é criada da casa?

FIFINA.—Não, Manoel, escuta-me.

MANOEL.—Eu não sou surdo. Onde está o patrão?

FIFINA.—Entregaste as cartas.

MANOEL.—Ahi vem os homens atrás de mim. Sabe? o patrão enganou-se. Dirigio as cartas erradas. A do Sr. Cuiabá levava o sobre-scripto ao Sr. Lustosa, e a deste para o Sr. Cuiabá. Elles insultarão o patrão. Chamarão-no tratante!

FIFINA.—O que dizes? Por ter escripto a vida e a morte de minha tia?

MANOEL.—Elles ahi vêm, o diabo que os espere; ficai... ficai... (*foge*).

FIFINA.—Oh! se me vèem aqui, estou desacreditada (*esconde-se no quarto*).

SCENA 21.^a

GUIABÁ.—Traidor! Infame! Onde está elle? Oh! eis o modelo dos homens modernos! Um politico assim... é um ganhador! Escrever em favor de Gregos e Trojanos! Deste e d'aquelle! Quer mamar a dois carris este tratante, e estar bem com Deos e com o diabo. Elles ahi vêm. Oh! que tremia diante de mim (*vai a porta e grita*) Traidor!

SCENA 22.^a

Cuiabá e Ministro.

MINISTRO (*aparecendo*).—Calumniador!

GUIABÁ.—O Sr. ministro! Desculpe-me V. Exc.; julguei que era o Sr. Gustavo.

MINISTRO.—Julguei ver em vós o Sr. Paquetá, eis por que chamei-vos calumniador. Mas onde está elle? O Sr. Lustosa levou-me as provas de sua perfidia, onde está elle? Lestes, Sr. Cuiabá, o que de vós elle dizia... mas a troca da carta o desmascarou.

GUIABÁ.—Exai., vistes como vos fulminava e ao gabinete do Rei?

MINISTRO.—Oh! Elle se hade arrepender!

GUIABÁ.—Compete a V. Exc. tirar uma vingança completa.

MINISTRO.—Oh! elle é.

GUIABÁ.—É.

SCENA 23.^a

Ditos, Fefina, Manoel, Ambrosio e Gustavo.

FIFINA (*na porta do quarto*).—É.

AMBROSIO (*na porta do fundo*).—É.

MANOEL (*do lado opposto á Fifina*).—É.

GUSTAVO.—É uma conspiração que tramaram contra mim, e ella rebenta a meus pés, mas vêde, Srs., que estou tranquillo.

MINISTRO.—Ah! o que fizestes da vossa honra?

GUSTAVO.—O mesmo que V. Exc. fez da sua. Srs., o que causou este alarido, este destempero, esta algazarra em minha casa? Já tudo sei. Trocárão-se os sobre-scriptos, descubri-me perante vós, mas outros mais habeis do que eu continuarão a illudir-vos.

MINISTRO.—Na verdade tanto cynismo só se encontra em um escriptor como vós.

GUSTAVO.—Ou em ministro como V. Exc. Julquei que para ser fino politico era necessario não ter-se consciencia, dignidade, palavra. Eladi-me, senhores; porem prometto justificar-me perante todos.

AMBROZIO.—E a nossa aposta?

GUSTAVO.—Proponha-a a S. Exc. Estou certo que com elle a perdereis.

AMBROZIO.—Será possível? (*Para o ministro*). Eu apostei com o Sr. Gustavo que se elle conseguisse nomear-me chefe d'alfandega, eu perderia 4 contos de reis, e se não o fizesse, perderia elle o tempo e o trabalho. Se V. Exc. quer a mesma aposta...

MINISTRO.—Sr. Lamellas, estas apostas fazem-se e acccitão-se no gabinete dos ministros.

AMBROZIO.—Oh! eu lá a farei a V. Exc.

GUSTAVO.—Fifina, não te amo, oh! perdoa-me, mas justificarei minha innocencia perante estes senhores.

FIFINA.—Ah! sabe que a minha tia é phantastica, que eu sou rica.

GUSTAVO.—Fifina!... minha Fifina.

FIFINA.—Deixai-me!

GUSTAVO.—Senhores, em tudo me sahi mal, porem suspendei de mim o vosso juizo. Dar-vos-kei provas de sobejo, nas quaes vos exporei a verdade.

MINISTRO.—Oh! e aquella ordem do thesouro?

GUSTAVO (*mostrando um rolo de dinheiro*).—Já recebi, mas vou restitui-la ao thesouro. Esperai-me, que não me demorarei muito. (*á parte*) O vapor já fumegava, devo ir a tempo. (*sahc*).

SCENA 24.^a

Manoel, Ministro, Cuiabá, Ambrosio e Fifina.

MINISTRO.—O que pretende elle?

GUIABÁ.—Eston de bocca aberta !

FIFINA.—Ah ! julgo perder a esperança de casar-me. Os homens são todos os mesmos; ambiciosos, egoistas e falsos.

MINISTRO.—A senhora julga a todos pelo Sr. Gustavo ?

FIFINA.—Uns pelos outros.

GUSTAVO (*dentro*).—Manoel ! é Manoel !

MANOEL.—É o patrão que me chama. (*entra para o quarto*).

SCENA 25.^a

Ditos, menos Manoel.

AMBROSIO (*para o ministro*).—V. Exc. accetta a aposta ?

MINISTRO.—Sim.

FIFINA.—Oh ! O Sr. Gustavo demora-se muito.

SCENA 26.^a

Ditos e Manoel.

MANOEL.—É para V. Exc. este bilhete. (*dá o bilhete ao ministro*).

MINISTRO (*lendo*).—« Exm. Sr. Eu quiz subir na escala social, como V. Exc. e todos quanto tem subido e pretendem « subir por ella, mas sahi-me mal, e como neste paiz ha mais « finos do que eu em conhecerem os meios de se elevarem, « deixo o reino e vou perigrinar pelo mundo.—*Gustavo.*» (*representando*) Aonde está elle ?

MANOEL (*com ar grave*).—Partio.

TODOS.—Fugio !

MANOEL.—O paquete á vapor largava agora . . . (*ouve-se um tiro de canhão*) Ouvis ! Já navega por esses mares o meu bom patrão.

FIFINA.—Partir ! Oh ! isso é infame.

SCENA 27.^a

Ditos e Joaquim.

JOAQUIM.—O Sr. Gustavo. Venho buscar minha incormenda.

MANOEL.—Elle . . . elle partio a estudar a natureza.

JOAQUIM.—Partio ! E os meus dez mil reis ? Roubou-me ?

MINISTRO (*admira*).—Ah ! !

GUIABÁ.—Eh !

FIFINA.—Ah ! (*desmaia nos braços de Guiabá*).

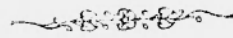
AMBROSIO.—Oh!

MANOEL.—Uh!

JOAQUIM.—E o meu elogio.

MANOEL (*com ar sentimental aponta para o Céu*).—Orai por elle!

FIM.



ERRATAS.

Prologo.

<i>Paginas.</i>	<i>Linhas.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Emendas.</i>
6	1	Mannicio	Mauricio.
6	2	Mauncia	Mauricio.
7	3	Previlegio	Privilegio.
8	23	Encommoda-me	Incommoda-me.
10	23	Itiricia	Ietericia.
12	17	Confundida	Confundidas.
13	27	Lâm	Lã.
13	33	Ouvistes	Ouviste.
14	29	Mecendo	Accende.
14	41	Ados.	Ades.
16	34	quando	Quando.
18	45	Hipocrate	Hypocrates.
19	44	Lasquiné	Lansquinet.
22	30	Em labios	Uns labios.
24	35	Dissestes	Disseste.
24	35	Viestes	Vieste.
24	36	Sota o ar	Sota e az.
26	17	Pregar-se	Apregoar-se.

Acto I.

31	12	A faça	O faça.
34	32	Insuportavel	Insopportavel.
37	7	Obrigado.	Obrigada.
42	16	Luiz XV	Luiz XIII.

Acto II.

52	21	Ter	Ser
57	3	Suportar	Supportal.